

**OF MICE AND MEN: ANÁLISE HISTÓRICO-LITERÁRIA
DA GRANDE DEPRESSÃO**

OF MICE AND MEN: HISTORICAL AND LITERARY ANALYSIS OF THE GREAT DEPRESSION

Pedro Pio Fontineles Filho¹

Cláudia Cristina da Silva Fontineles²

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo principal de analisar o livro *Of Mice and Men*, do escritor norte-americano, John Steinbek, com o intuito de perceber as aproximações simbólicas e interpretativas acerca do fenômeno da Grande Depressão e seus impactos sociais, políticos e econômicos, sobretudo nas migrações de trabalhadores das periferias urbanas. A cultura do *American Dream* foi abalada pela crise econômica. Metodologicamente, o artigo centrou-se nas leituras analítico-interpretativas do livro do escritor, com um olhar para os traços gerais de sua obra, friccionando com alguns eventos ligados ao recorte temporal no qual se insere a escrita do livro. Como bases teóricas, recorreu-se às discussões feitas por Chartier (2002; 1998), Lukács (2011) e Robert (2007). O romance do autor norte-americano é tomado, nessa análise, como um romance histórico, pois, mesmo que metaforicamente, apresenta indícios de um dos momentos mais conturbados na vida política e econômica de seu país, que ressoaria no imaginário, na identidade e na memória da população.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. História. Política. Imaginário.

1 Introdução

[...] a audácia do talento inventivo, a capacidade de manipular livremente os fatos históricos, as personagens e as situações sem se afastar da verdade histórica e, mais ainda, com a finalidade de acentuar de maneira veemente os traços específicos, as características particulares de uma época histórica (LUKÁCS, 2011, p. 333).

Algo que tem aproximado, nos últimos trinta ou quarenta anos, a História a outras áreas do saber é precisamente o aspecto da invenção. Não a invenção no sentido de uma essência ou revelação, mas de um poder criativo e inventivo que impulsiona o ato de (re) pensar e narrar os eventos no tempo e no espaço. A invenção, dessa maneira, não afasta os condicionantes

¹ Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Mestre e Especialista em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Graduado em Letras/Inglês pela UFPI. Professor Assistente do Curso de História – UESPI/Campus Clóvis Moura. E-mail: ppio26@hotmail.com.

² Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Mestre em Educação pela UFPI. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da UFPI e do Departamento de Métodos e Técnicas do Ensino do Centro de Ciências da Educação/UFPI. E-mail: cfontinelles@yahoo.com.br.

socioculturais que marcam uma dada realidade histórica. Isso tem sido mais notório, sobretudo no contato que História e Literatura tem ambas implementado entre si, pois há inúmeros traços da constituição narrativa que são tributários às duas. No âmbito da produção e construção do conhecimento histórico, têm sido recorrentes as reflexões acerca das interfaces entre a história e a literatura. O receio da perda das especificidades da história, que, ao se aproximar da literatura, estaria se tornando ficção, tem se convertido na percepção de que um dos espaços de acontecimento da história é a própria linguagem. Para Roger Chartier (2002), é inquestionável o fato de que o discurso histórico se utiliza de elementos característicos da narrativa ficcional. Contudo, isso não inviabiliza a proposição de que história e literatura possuem suas especificidades como saberes e como ciências.

A linguagem é um instrumento potencializador das atividades humanas e, ao mesmo tempo, é normatizador das sociabilidades. A essa fração otimizadora e ordenadora das sociedades dá-se o nome de discurso. Nesse segmento linguístico pode-se destacar a literatura como uma das diferentes formas de expressão de discurso. Dessa maneira, a literatura

[...] constitui possivelmente a porção mais dúctil, o limite mais extremo do discurso, o espaço onde ele se expõe por inteiro, visando reproduzir-se, mas expondo-se igualmente à infiltração corrosiva da dúvida e da perplexidade. É por onde o desafiam também os inconformados e os socialmente mal-ajustados. Essa é a razão por que ela aparece como um ângulo estratégico notável, para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de uma determinada estrutura social (SEVCENKO, 1999, p. 20).

É a partir desse entendimento da literatura como possibilidade de compreensão social e histórica, que se pretende analisar a obra *Of Mice and Men*, de John Steinbeck³, destacando alguns símbolos presentes no livro, vinculando-os às ressonâncias da Grande Depressão da década de 1930, que assolou não só o território norte-americano, mas quase toda a Europa e países de outros continentes. Focalizam-se, em especial, as referências simbólicas constantes na obra à luz do programa de renascimento econômico do *New Deal*, do então presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt. Tratava-se de um “programa de renascimento” no sentido de fazer ressurgir das cinzas a economia norte-americana, e, conseqüentemente,

³ John Ernest Steinbeck nasceu em Salinas, no Estado da Califórnia, nos Estados Unidos, em 27 de fevereiro de 1902 e faleceu aos sessenta e seis anos, em 20 de dezembro de 1968. Ao lado de *Of Mice and Men* (1937), suas maiores obras, que versam sobre as condições humanas de sofrimento, miséria e luta são *East of Eden* (1952) e *The Grapes of Wrath* (1939). Outros livros do autor são *The Pastures of Heaven* (1932), *In Dubius Battle* (1936), *The Long Valley* (1938), *The Moon is Down* (1942), *Cannery Row* (1945), *The Pearl* (1947), *The Red Pony* (1949), *Burning Bright* (1950), *Sweet Thursday* (1954) e *The Winter of our Discontent* (1961). Foi ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 1962.

mundial. Programa tal que buscava lidar, de maneira também subjetiva, com o imaginário do povo norte-americano acerca do poder e da riqueza do país. Era uma tentativa, em larga medida, de manter vivo o *American Dream* que povoou o imaginário popular durante toda a década de 1920. Com a quebra da bolsa de valores de Nova York, no ano de 1929, todos os olhares se voltaram para a vida política, econômica, social e cultural do país. Tais olhares eram manifestados por várias expressões do saber e das artes. Por esse viés,

A Grande Depressão, como não podia deixar de ser, foi utilizada como tema por muitos escritores e cineastas. Filmes como a "A Noite dos Desesperados", retratam com uma crueza impressionante o desespero das pessoas comuns perante a miséria com a qual passavam a conviver; na literatura existem vários livros que utilizaram a depressão como pano de fundo. A obra de Steinbeck, "As Vinhas da Ira", ambientado na região centro-oeste e sudeste do país, mostra outros efeitos da crise. Ademais nessa época, os tratores começavam a se tornar comuns, substituindo o trabalho de dez famílias, despejando nas estradas uma multidão de famintos (MARQUES, 2001, p. 155).

Vale ressaltar que, em geral, os historiadores (como é o caso de Adhemar Marques), sociólogos, filósofos e antropólogos – e até mesmo alguns críticos literários – ao pensar sobre a relação literatura e Grande Depressão, somente destacam o livro *The Grapes of Wrath*, também de John Steinbeck. Contudo, essa recorrência se dá, em larga medida, em decorrência de se buscar informações muito óbvias na narrativa de um autor. *The Grapes of Wrath*⁴ é um livro assumidamente escrito para retratar a crise econômica que aplacou o centro-oeste e o sudeste dos Estados Unidos.

Nesse sentido, nas trilhas de uma análise audaciosa, como sugere Lukács (2011), é que este trabalho se envereda no imaginário e no universo simbólico de *Of Mice and Men*, como mais uma possibilidade de "ler" a Grande Depressão. Basta lembrar que "a leitura tem uma história. Não foi sempre e em toda parte a mesma" (DARNTON, 1992, p. 233). Por esse viés é que as interpretações também não foram, e não são as mesmas. Daí a riqueza dos textos literários, pois "os esquemas interpretativos pertencem a configurações culturais, que têm variado enormemente através dos tempos" (DARNTON, 1992, p. 233) e tal variação está vinculada, dentre outros aspectos, aos questionamentos feitos por cada pesquisador ao fazer uso do texto literário como fonte. Mesmo diante da liberdade interpretativa do leitor, há

⁴ O enredo do livro está focado nas dificuldades e nos desafios que a família Joad enfrenta para chegar ao Vale de Salinas, na Califórnia. São atraídos para lá em função das políticas econômicas daquele momento incentivarem a produção agrícola e no Vale havia uma grande produção de frutas. Esse mesmo deslocamento em busca de emprego, especialmente na área rural, é tema marcante e central em *Of Mice and Men*.

limitações, em decorrência de que tal interpretação “é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura” (CHARTIER, 1998, p. 77) Por tal razão, é que ampliar os conhecimentos acerca da crise econômica da década de 1930 a partir de *Of Mice and Men* se torna uma atitude de ampliar mais páginas à história da leitura, não só desse livro, mas à própria história da política e da economia do país do autor. A identidade, ou pelo menos o imaginário de uma nação forte e poderosa, é abalada em decorrência dos fluxos, por todo o país, de pessoas em busca de moradia, de trabalho e de comida. Há um grande número de pessoas se vêem excluídas, não pela sua condição étnica, sexual, religiosa, mas pelo seu poder aquisitivo e por sua capacidade de trabalho.

2 Realidades e imaginários: entre o sonho e a depressão

Na verdade, mesmo os orgulhosos EUA, longe de serem um porto seguro das convulsões de continentes menos afortunados, se tornaram o epicentro deste que foi o maior terremoto global medido na escala Richter dos historiadores econômicos (HOBBSAWM, 1998, p. 91).

A sociedade norte-americana vivenciou dois momentos que se constituíram, em boa medida, em dois pólos: o dos sonhos da década de 1920 (American Dream) e o da depressão (Grande Depressão), sendo que nos dois as angústias, esperanças, euforias, medos sempre estiveram presentes, mas com dosagens distintas. Recorrer aos símbolos para a compreensão desse processo histórico, e da construção do imaginário que o envolveu, é salutar na medida em que

O universo simbólico também ordena a história. Localiza todos acontecimentos coletivos numa unidade coerente, que inclui o passado, o presente e o futuro. Com relação ao passado, estabelece uma “memória” que é compartilhada por todos os indivíduos socializados na coletividade. Em relação ao futuro, estabelece um quadro de referência comum para a projeção das ações individuais (BERGER; LUCKMAN, 1998, p. 140).

A literatura, como potencializadora da realidade histórica e permeada pelo princípio do *devoir*, é arcabouço de inúmeros símbolos que permitem a visualização da história de determinada sociedade por meio de olhares que não têm a obrigação de serem o reflexo do real ou da verdade. Há uma relação de grande proximidade entre história e literatura, pois essa relação é evidenciada ao passo que “[...] a literatura informa a história, mas essa história

produz uma certa literatura, e essa relação é necessariamente incontornável” (QUEIROZ, 1998, p. 78). Não há, por esse diapasão, literatura que não seja embasada em elementos da realidade, seja de um espaço ou de uma temporalidade. Assim como não há produção histórica, mesmo de textos mais conservadores, que não esteja pautada em formas de narrar oriundas da escrita literária. São narrativas sobre tempos, espaços, práticas, conflitos, desejos, projeções e gestos.

O período que segue o fim da Primeira Guerra Mundial e antecede a quebra da Bolsa de Valores de Nova York ficou conhecido, principalmente entre os norte-americanos, como *American Dream*, bastante veiculado em propagandas, em jornais e em textos literários. Foi, para os norte-americanos, a Era do Jazz, onde a boemia e as festas eram embaladas pelo romantismo e pela exuberância. Novos costumes se configuravam, pois os estilos do vestuário e do cabelo impactaram entre os mais tradicionalistas. Também o cinema foi um dos grandes contribuidores para a formação de novas sociabilidades, rompendo tabus.

Isso se deu, em certo ponto, pelo fato de os Estados Unidos terem alcançado um fantástico patamar de desenvolvimento econômico e imperialista. O imperialismo colonialista era uma das fontes de crescimento de muitos países europeus e dos Estados Unidos. No entanto, percebe-se que

A Grande Depressão mudou tudo isso. Pela primeira vez, os interesses de economias dependentes e metropolitanas entraram claramente em choque, inclusive porque os preços dos produtos primários, dos quais dependia o Terceiro Mundo, caíram muito mais dramaticamente que os dos bens manufaturados que eles compravam do Ocidente. Pela primeira vez, colonialismo e dependência se tornaram inaceitáveis mesmo para os que até então se beneficiavam com eles (HOBSBAWM, 1998, p. 211).

O tão lucrativo imperialismo, que fortalecia os ideais nacionalistas e os discursos orientalistas, foi abalado fortemente pelo sufocamento de uma alta produção que não deu condições para um consumo que acompanhasse a dinâmica de uma economia acelerada.

Anteriormente a esse período nebuloso, o consumo era o ponto determinante para a disseminação das possibilidades, pois o desejo de possuir uma casa, um carro, de ganhar dinheiro e de conquistar a fama mostrava-se como realizável. Ainda, tal desejo era fomentado e alimentado pelas inúmeras propagandas, que pretendiam seduzir cada vez mais consumidores. Era o “sonho americano” do bem-estar e do consumo. Os Estados Unidos tornaram-se a sociedade do consumo e da abundância.

Os anos de 1920 foram importantes para conduzir os Estados Unidos ao progresso, que proporcionava um imaginário social de bem-estar entre o povo norte-americano. Riqueza e prazer pareciam esperar por aquele povo, que sonhava com o sucesso e a fortuna. Milhões de pessoas especulavam na Bolsa de Valores e investiam em suas ações.

Contudo, a superprodução não foi seguida por um consumo interno satisfatório, principalmente porque os salários não eram suficientes para permitir aos trabalhadores comprarem tudo o que era produzido. Então, em 24 de outubro de 1929 ocorreu o colapso ou o *crash* da Bolsa de Valores de Nova York. Isso permitiu que se constituísse uma realidade marcada por uma sequência de colapsos e especulações.

Os efeitos do desastre foram profundos. Com o colapso da bolsa de valores, o dinheiro para investimentos evaporou; sem investimento a produção acabou; sem produção o emprego desapareceu. Com baixos salários havia menos gastos, as companhias adquiriam poucos lucros, tinham menos dinheiro para investir, reduziu a produção, reduziu o emprego, diminuiu ainda mais a compra. Um círculo vicioso de miséria e de desemprego (RESEARCHERS CCAA, s/d, p.89).

Dessa maneira, os anos de 1930 foram o oposto da década anterior. Quando a Grande Depressão alcançou o apogeu, o presidente norte-americano era Herbert Hoover. Suas ações para conter o desastre foram ínfimas, porque ele acreditava que a economia norte-americana era perfeita e forte e que o pior momento já havia passado. Hoover parecia viver sob a égide do imaginário do *American Dream*. Para ele, a Grande Depressão jamais se tornaria uma ameaça real para os cofres e para a saúde financeira do país e de seus cidadãos. A política do governo Hoover era emblemática do sistema político que reinava no momento, pois

Quando a crise estourou em 1929, o governo do presidente Hoover, do Partido Republicano, adotou uma atitude passiva, de acordo com o sistema liberal dominante nos Estados Unidos. Até então, o governo americano só interviu de maneira muito superficial – a fixação dos limites da produção, dos salários e dos preços fora sempre feita pelos próprios empresários, de acordo com as regras clássicas do capitalismo liberal. Havia sido adotadas, portanto, medidas muito superficiais: elevação dos direitos alfandegários, redução da taxa de desconto bancário, criação de um centro de apoio às empresas em dificuldade e outro para tentar dar vazão à produção agrícola estocada (REIS FILHO, 2000, p. 30).

No imaginário coletivo o que se ventilava era que a crise seria o desfecho natural de um duradouro período de prosperidade e que, ao fim da crise, o mundo viveria novamente um novo período de prosperidade da economia norte-americana, sem precisar da intervenção direta do Estado. Contudo, tudo se encaminhava para uma forte onda de desestabilização, pois

“a nação americana atravessava uma crise de confiança, a mais grave de sua história, a qual deixaria recordações duradouras” (RÉMOND, 1989, p. 99). A memória de “um otimismo que inspirava a experiência americana” (RÉMONDE, 1989, p. 99) estava comprometida com a crise na crença da livre iniciativa e dos valores democráticos.

Um arranjo político minou o poderio do Partido Republicano e possibilitou a eleição de Franklin Delano Roosevelt, do Partido Democrata. Uma de suas ações mais urgentes e enérgicas foi a elaboração, junto com uma equipe de assessores, um novo plano de ação econômico conhecido como *New Deal* e que se caracterizou por ser

[...] um marco histórico na trajetória do capitalismo americano. A intervenção do Estado na vida econômica, ainda modesta, se compararmos com a planificação e o dirigismo típico do modelo soviético, representa uma mudança significativa no modelo tradicional da economia de mercado praticada pelos americanos. A política econômica do *New Deal* expressou-se em três direções estratégicas: medidas financeiras; combate ao desemprego; política agrícola, industrial e de comércio exterior (REIS FILHO, 1998, p. 31).

Toda a sociedade ao redor do mundo sentiu e sofreu os efeitos da Depressão. É nesse sentido que a literatura norte-americana, assim como toda manifestação artística, foi influenciada pelos eventos e configurações sócio-históricas daquela realidade. Tal realidade foi marcada por imagens de desespero, visto que “a imagem predominante na época era a das filas de sopa, de ‘Marchas da Fome’ saindo de comunidades industriais sem fumaça nas chaminés onde nenhum aço ou navio era feito” (HOBSBAWM, 1998, p. 98). Dessa maneira, vários intelectuais, com grande destaque para os literatos, se posicionaram sobre a Grande Depressão como sendo a confirmação, como afirma Hobsbawm (1998), de que há muito tempo algo não estava bem na vida econômica do país. Isso impulsionou a produção de um novo tipo de literatura, talvez mais engajada, o que não significa que a produção de outrora não tivesse algum tipo de envolvimento com sua realidade.

Diferentemente da literatura dos anos de 1920, agora os temas ou tópicos são abordados de outra maneira em função de uma diferente situação sócio-econômica. A Literatura da Grande Depressão fala da miséria, do homem comum ameaçado pelo desastre nacional, do desemprego, dos conflitos, das resistências, da esperança, do medo e da injustiça social e econômica.

Lembrando o que sabiamente afirmou Marc Bloch (1965) ao dizer que as fontes são como testemunhas, que só falam satisfatoriamente quando submetidas a adequadas perguntas, é que a literatura é utilizada como fonte histórica. Pois, pode-se visualizar que “a história é a

reconstrução narrativa, conceitual e documental, em um presente, da assimetria entre o passado e o futuro” (REIS, 2000, p. 08). É pertinente endossar essa concepção de Bloch, lembrando dos ensinamentos de Sidney Chalhoub (1998), a literatura deve ser compreendida e adotada como fonte *de* história e não como fonte *para* a história. Nessa inter-relação entre história e literatura é importante perceber que

História e literatura reconfiguram um passado. Trata-se, no caso da história, de uma reconfiguração “autorizada”, circunscrita pelos dados fornecidos pelo passado (as fontes), pela preocupação da investigação sobre documentos, pelos critérios e exigências científicas do método. A literatura, ao contrário, permite que o imaginário levante vôo mais livre e amplamente, que ele fuja, numa certa medida, aos condicionamentos impostos pela exigência da verificação pelas fontes (DECCA, 2000, p. 11).

Partindo desse pressuposto de um “voo mais livre”, é que alguns símbolos do *New Deal* e das próprias ressonâncias da Grande Depressão, especialmente sobre a população norte-americana, foram destacados como uma possibilidade de entendimento desse evento para transformações na vida social, econômica e cultural daquele país. O *New Deal* tinha pretensões gigantescas, pois intentava “curar” as feridas deixadas pelos abalos na economia. No intuito de gerar emprego e renda, tal programa lançou mão de subprogramas, como o *Civilian Conservation Corps* (CCC), que almejava alcançar, prioritariamente, os jovens do país. Eles deveriam ser empregados em diversas áreas, como a preservação dos parques nacionais, plantio de árvores, limpeza de reservatório de águas e manutenção dos sítios históricos. O alvo eram os jovens, ao passo que os mais velhos se encontravam na condição de *mice* (ratos), ficando somente com as sobras, quando essas ainda existiam. Mesmo diante das contradições de seus programas, Roosevelt se constitui muito bem no imaginário da população. O fato de ter sido eleito quatro vezes (1932, 1936, 1940 e 1944) é um bom indicativo de sua aceitação pelo povo, especialmente em função de seus esforços em fazer o *New Deal* frutificar.

Para visualizar alguns dos símbolos na obra, faz-se necessário tecer um breve resumo do enredo e de seus principais personagens. *Of Mice and Men* é uma história de dois trabalhadores migrantes, na Califórnia, por volta do ano de 1935. Lennie é um homem tão forte quanto um leão, mas estúpido, com problemas mentais. Por outro lado, seu amigo George é um homem de estatura mediana, mas muito esperto e observador. Juntos eles planejam conseguir um lar deles mesmos, ter a independência financeira e não precisar morar

em terras de outrem. Assim como muitos no país, os dois não tem onde morar e pouco ou nada para comer. Em um dado momento, parados no meio do caminho, antes de chegar a uma fazenda para tentarem algum trabalho, eles acampam e vão comer:

“Há feijões suficientes para quatro homens”, disse George.

“Eu gosto de feijões com ketchup”, disse Lennie suavemente.

“Bem, nós não temos nenhum ketchup”, George falou furioso. “Você sempre quer as coisas que nós não temos” (STEINBECK, 1996, p. 16).

George se referia às únicas três latas de feijões que ainda lhes restavam e ainda ironizou afirmando que era feijão em abundância. Nas condições de escassez daquele período, Steinbeck pinta essa cena como uma denúncia para a fome que acometia a população. Só se podia buscar o essencial, pois o supérfluo, como o *Ketchup*, não condizia com tal realidade.

Ao chegar a uma fazenda para atender a uma proposta de trabalho, eles encontram um velho chamado Candy, que descobriu os seus planos e concorda em ajudá-los a comprar um rancho. As coisas pareciam andar muito bem para a dupla, até o surgimento de uma mulher sedutora e sem nome. Ela é esposa de Curley, filho do patrão e dono da fazenda onde os dois amigos foram trabalhar. Desde o primeiro momento Curley não gostou de Lennie, pois o seu porte físico era uma ameaça aos demais, inclusive para ele. Em um momento no qual mão-de-obra era requisitada para o trabalho pesado do campo, um homem com poucas ambições, como Lennie, era, de fato, uma ameaça aos que intentavam garantir seu sustento e ganhar dinheiro para comprar sua própria terra e casa. Para Curley a ameaça não era no sentido do emprego, visto que desfrutava da condição de ser filho do fazendeiro. Sua preocupação era com a atração que Lennie pudesse despertar em sua esposa, visto que Lennie, mesmo sendo de uma característica infantil em seus atos, transmitia muita virilidade por causa de seu corpo robusto.

Em certo dia, Lennie estava acariciando um cachorrinho que havia ganhado de Slim, que era o cocheiro da fazenda. Como sempre acontecia, Lennie acabava matando os animais, não por vontade própria, mas por não controlar suas emoções e sua força. Naquele mesmo momento, a esposa de Curley ficou se insinuando para Lennie e o mesmo começou a acariciar seus cabelos para sentir a maciez a pedidos dela. No entanto, Lennie parecia não ter controle de si e assim como fazia com os animais, exagerou na força das carícias. Ela acabou morta. Desesperado Lennie se lembra dos avisos de George e foge para o rio e se esconde nos arbustos.

George e os outros homens da fazenda notam o acontecido e vão à procura de Lennie. Curley estava furioso. George encontrou Lennie antes dos outros; e outra tragédia acontece: George assassina Lennie. Esse fato é emblemático das políticas econômicas daquele instante, visto que, como eram comuns nos discursos das lideranças da época, alguns sacrifícios deveriam ser feitos para que os objetivos pudessem ser alcançados.

3 Símbolos e Interpretações: para além da empiria

Interpretar é atribuir sentido a um mundo histórico e determinado em uma época determinada (REIS, 2002, p. 10).

Tomar um texto literário como mais um discurso que se propõe a falar sobre o “mundo real” é saber que o ato de interpretar está inserido desde o escritor até os consumos e apropriações feitos pelos leitores. Nesse sentido, depois de ler um resumo da obra⁵, alguns símbolos podem ser visualizados. É importante dizer que tais símbolos são metáforas e não a realidade em si mesma, visto que a própria realidade é um constructo das relações sociais e dos discursos que são feitos sobre tais relações, que geram memórias e identidades. Dessa forma, os símbolos são representações que permitem um vasto leque de interpretações à luz do “real”- a Grande Depressão - como uma base de referencial.

Nesse sentido, a literatura como instrumento de passeio pelo passado, no intuito direto ou indireto de criar significados, ou sentidos, no seio de uma sociedade possui forte sustentáculo. Isso se dá por meio da esfera e contexto nos quais é disseminada, pois a interpretação

É o mecanismo semiótico que explica não apenas nossa relação com mensagens elaboradas intencionalmente por outros seres humanos, mas toda forma de interação do homem com o mundo circunstante. É através de processos de interpretação que, cognitivamente, construímos mundos, atuais e possíveis (ECO, 2000, p. 20).

⁵ O livro, escrito originalmente em 1937, é ambientado na Califórnia de 1935, em pleno período de recessão econômica da década de 1930, mais conhecido como Grande Depressão. Versa sobre a história de dois amigos com diferenças bem marcantes. George é o mais inteligente, astuto, porém é fisicamente pequeno, franzino. Em contrapartida, Lennie é grandalhão, com uma força física fenomenal, mas com um comportamento bastante infantil. O que os une, além da amizade, é fato de serem, assim como muitos no país naquele momento, marginalizados, pois não possuem emprego, não possuem lugar para morar e nem família. Vivem de trabalhos temporários em fazendas, onde encontram outras pessoas em condições humilhantes.

O que se pode observar, como o próprio conceito de interpretação aqui recortado, é que tal discussão sobre os símbolos está intimamente relacionada ao campo da Semiótica, que seria a ciência que se destina a estudar todas as linguagens possíveis, examinando todo e qualquer fenômeno como elemento de produção de significação e sentido, no qual a literatura perfeitamente se enquadra. O romance é terreno fértil para que as interpretações possam surgir, pois “ele tende irresistivelmente ao universal, ao absoluto, à totalidade das coisas e do pensamento; com isso, sem dúvida alguma, uniformiza e nivela a literatura, porém, fornece-lhe esquadros inesgotáveis, uma vez que não existe nada de que não possa tratar” (ROBERT, 2007, p. 13). O romance *Of Mice and Men* se enquadra na concepção mais ampla desse gênero literário, em sua vinculação com a escrita e com a realidade. Em sua relação com o mundo real, o romance

Permite-se-lhe pintá-lo fielmente, deformá-lo, conservar ou falsear suas proporções e cores, julgá-lo; pode até mesmo tomar a palavra em seu nome e pretender mudar a vida exclusivamente pela evocação que faz dela no seio de seu mundo fictício. Se fizer questão, é livre para se sentir responsável por seu julgamento ou sua descrição, nas nada o obriga a isso: nem a literatura nem a vida pedem-lhe contas da forma como explora seus bens (ROBERT, 2007, p. 14).

Como nada o obriga a uma regularidade, em sentido estritamente convencional, o romance não é conduzido por regras ou freios, como destaca Marthe Robert (2007). Nesse sentido, não pode exigir as mesmas regras e freios aos seus leitores, cujas interpretações seguem critérios vários. Os símbolos, metáforas e alegorias com os quais trabalha são combustível para as suas pretensões de (re) pensar a realidade. São tais símbolos que estão disseminados ao longo de *Of Mice and Men*, ora deformando, ora julgando o mundo real ao qual se refere, especialmente o mundo assolado pela Grande Depressão.

Uma simbologia, ou metáfora, a ser destacada na obra de Steinbeck trata-se, inicialmente, do próprio título. A palavra *mice* (ratos), em sua contextualização no período da Grande Depressão, se expressa como símbolo de uma sociedade abalada pelos desarranjos de uma economia que se propunha imbatível e que agora sofria um de seus piores momentos. Era o símbolo de uma sociedade degradante, na qual a pessoa desvalorizada é a característica de uma sociedade economicamente abalada. O homem é tão ou menos importante que um rato, que sobrevive com os farelos, com as sobras. O homem deve estar preparado, assim como o rato, para as armadilhas de uma realidade na qual somente os mais espertos e fortes, mediante a crise, podem sobreviver.

Os anos passavam e a crise permanecia, principalmente pelo fato de que a postura política do governo Hoover atendia ao modelo liberal encabeçado pelo seu próprio partido político. Isso despertou o descontentamento populacional e dessa forma e

Por esta razão, a massa dos desempregados, os agricultores falidos, os industriais arruinados e os investidores desorientados passaram a exigir reformas econômicas mais profundas. Era preciso abandonar o capitalismo liberal, limitando o poder dos capitalistas e aumentando a renda dos consumidores, através do dirigismo econômico e da intervenção do Estado na economia de forma mais enérgica (REIS FILHO, 1998, p. 30).

O tema de trabalhadores migrantes representa o aumento do desemprego e a procura por outro lugar para conseguir um trabalho e um lugar para viver. Durante a Grande Depressão muitas pessoas não tinham emprego ou qualquer outra atividade, o que contribuía bastante para o círculo vicioso da miséria que havia se instalado no país. O enredo do livro, *Of Mice and Men*, ambienta-se no ano de 1935, o que demonstraria que as ações enérgicas do *New Deal* não haviam tido alcance generalizado e em tão curto prazo como se poderia pressupor, mesmo tendo havido uma significativa redução do desemprego já no ano de 1933.

No início da obra, o velho Candy, um dos funcionários mais antigos do rancho, tinha um velho cão que ele teve de sacrificar, porque “ele mal pode caminhar. Ele não pode ver. Ele não está bem”. Isso é um bom exemplo das “regras” do capitalismo que se queria emergir novamente, no qual seriam necessárias pessoas jovens para reviver a economia e a produção. Aqueles que não podiam demonstrar o vigor físico e a saúde necessários seriam vistos como imprestáveis e inúteis. Para superar o período de crise, era preciso convocar pessoas que pudessem se submeter a trabalhos cada vez mais escassos, com cargas horárias cada vez maiores.

Depois do ocorrido, Candy também reflete sobre sua condição de velho e de aleijado- ele não possuía uma das mãos- e conclui seu pensamento afirmando que ele também é inútil. Então ele simplesmente apela por uma oportunidade para ter um destino diferente, porque ele diz a Lennie e George: “vocês viram o que fizeram ao meu cão à noite? Quando me expulsarem daqui, eu espero que alguém atire em mim. Mas ninguém fará isso. E eu não terei nenhum lugar para ir, e nem emprego”(STEINBECK, 1996, p. 58). Isso representa bem “a era das ilusões perdidas”, como salienta Eric Hobsbawm (1998).

A esposa de Curley em momento algum é chamada pelo nome. Esse “anonimato” é uma expressão literária da qual fez uso John Steinbeck para representar as multidões de indivíduos

que perdiam suas identidades e valores, como forma de conquistar alguns benefícios. Trata-se de um processo de “invisibilização” do sujeito, representado preferencialmente pelas suas posses, pelo seu segmento social e pelas suas relações de poder. Os casamentos por interesse, a desvalorização do indivíduo, e da mulher em especial, expressa uma realidade na qual o econômico se sobrepõe às relações sociais, no tocante à afetividade, pois a própria amizade e compaixão entre Lennie e George são disfarçadas pelo interesse de se conseguir uma oportunidade. Por um caráter de sobrevivência material. O indivíduo se perde em uma multidão de desempregados

Slim, o cocheiro da fazenda possuía uma cadela que tinha nove cãesinhos, mas ele matou quatro deles. De acordo com ele, “ela não tinha leite para nove” (STEINBECK, 1996, p. 38). Carlson também era um empregado da fazenda e disse a Slim que o cachorro de Candy, outro trabalhador, também estava velho demais e que devia ser sacrificado. Em troca, Slim daria um filhote. Essas afirmações retratam muito bem o racionamento de comida originado pela Grande Depressão e a esperança de que o “novo” fosse a garantia de um futuro melhor para todos. Basta ler um trecho do depoimento de Oscar Ameringer ao subcomitê da Comissão de Assuntos Trabalhistas da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, em 1932. Em seu relato, Oscar

[...] lamentava o fato de milhares de ovelhas serem sacrificadas pelos criados por não renderem no mercado o suficiente para pagar o seu transporte. Enquanto em Oregon os urubus comiam carne de carneiro, vi pessoas procurando restos de carne nas latas de lixo de Nova York e Chicago. Conversei com um homem num restaurante em Chicago. Ele me falou de sua experiência como criador de carneiros. [...] Disse que não tinha recursos para alimentar os carneiros e não queria deixá-los morrer à míngua (AMERINGER *apud* MARQUES, 2005, p. 165).

A miséria e a fome eram companheiras constantes entre os inúmeros desempregados daquele período, pois “a consequência básica da Depressão foi o desemprego em escala inimaginável e sem precedentes, e por mais tempo do que qualquer um já experimentara” (HOBBSAWM, 1998, p. 97).

George e Lennie estavam sempre à procura do “lugarzinho” com vacas, porcos, coelhos e galinhas. É um sonho comum a milhares de pessoas norte-americanas e europeias naquele momento. O imaginário das fazendas se torna uma espécie de substituto para o imaginário anterior da vida urbana, das agitações que o mundo industrial proporcionava. Isso é evidenciado quando eles falam sobre o lugar:

“Bem, há muitos campos”, disse George. “Há uma casinha e galinhas. Há um jardim. Há árvores frutíferas. Há lugar para alfafa, e cheio de água para isso. Há porcos”

“E coelhos, George.”

“Haverá, e você poderá dar alfafa aos coelhos.” (STEINBECK, 1996, p. 55-56).

Observando atentamente, pode-se perceber que o sonho dos dois personagens principais está relacionado ao *New Deal*, criado durante o governo de Roosevelt, que tinha em seu programa fornecer casas e comida para todos, especialmente por meio dos incentivos à agricultura, por meio do *Agricultural Adjustment Act* (AAA), criado em 12 de maio de 1933, com o objetivo principal de frear a produção em excedente e garantir preços razoáveis aos produtos. Ter uma terra, por menor que fosse, era sinônimo de alcançar as condições mínimas de cidadania, era o indicativo que os dias de sofrimento, de escassez poderiam, de fato, ser superados. Como a indústria ainda não estava apta a se reerguer e absorver tão rapidamente o grande número de desempregados, a proposta do *New Deal* era forçar a permanência das pessoas no campo, bem como de levar alguns dos centros urbanos para as zonas rurais.

A cidade, a zona urbana, antes vista como o símbolo das luzes e das oportunidades, naquele momento era o lugar da desesperança e da angústia. O campo, antes visto como o lugar do atraso e do passado, foi (re) significado como o ambiente propício para o cultivo da vida. Houve, em larga medida, uma certa inversão das concepções, como postulou Raymond Williams (1973), das relações entre campo e cidade, especialmente vinculadas na literatura.

O patrão sem nome (fazendeiro) representaria a relação impessoal entre trabalhadores e industrialistas e demais dirigentes de produção, especialmente os trabalhadores migrantes de outros estados, no fluxo entre áreas urbanas e rurais. Além disso, se refere ao excedente de mão-de-obra à espera de qualquer tipo de emprego ou ocupação para sobreviver, sem importar, às vezes, os salários. É um diferente tema em relação à literatura dos anos de 1920 quando o sonho era ter dinheiro para comprar carros, jóias e mansões.

A inocência de Lennie não é loucura em si mesma, mas pode ser notada como um novo *American Dream* de conseguir um lugar para viver e sobreviver apesar das dificuldades. Ele é o símbolo da fé e da esperança originadas a partir do *New Deal*. Muitos pensaram, especialmente economistas, que os idealizadores e os próprios planos do programa eram insanos e que o futuro seria trágico.

Às vezes era necessário procurar uma resposta para aquele desastre, mas soluções não eram muito fáceis de serem encontradas. Algo muito semelhante a tudo o que aconteceu

durante a Grande Depressão, pois se buscavam explicações e soluções para a crise econômica, também se configura no livro de John Steinbeck. A casa de Susy(casa de prostituição) era uma forma de escapar daquela realidade cruel e ao mesmo tempo aceitar a situação. Era uma fuga psicológica, que acontecia, resguardando as devidas proporções e particularidades, entre os norte-americanos naquele momento. Além disso, as casas de prostituição eram o destino para muitas mulheres que perderam ou viram seus pais e maridos perdendo o emprego. Mais que uma prática de luxúria, a prostituição se tornou, de fato, uma possibilidade de sobrevivência. Esse tipo de “história subterrânea” é que a literatura tem a grande função de narrar. Essa história “vista de baixo”, como chama atenção Henrique Espada Lima (2006), lembrando das propostas de Giovanni Levi acerca dos problemas da escala e da micro-história. Temas vistos como periféricos, como é o caso da prostituição, não podem ser descartados em função da proeminência de questões políticas e econômicas, pois fazem parte das “variações de escala” na pesquisa sobre um dado objeto.

As sentenças “Eu tenho de fazê-lo” e “Nós temos de fazer” (STEINBECK, 1996, p. 94), se referindo aos momentos de sacrifício de animais e de pessoas, como no caso do cão de Candy e da morte de Lennie, representam a destruição da sociedade e seus valores humanitários. George se viu na obrigação de “acabar” com o sofrimento de Lennie, pois ele sabia que o amigo, mais cedo ou mais tarde, não aguentaria as pressões daquele mundo áspero. Lennie era forte fisicamente, mas era frágil. A economia norte-americana estava em situação semelhante, parecia muito forte, mas estava frágil, abalada. Slim, que já havia sacrificado alguns animais, diz para George: “Não fique assim, um homem deve tomar decisões, às vezes” (STEINBECK, 1996, p. 94). Essas atitudes de George e Slim representam bem a dimensão do espírito humano em meio àquela realidade de privações. Os dois personagens personificam os conflitos entre a vontade e o pensamento, visto que “a vontade sempre quer fazer algo, menosprezando assim implicitamente o pensamento puro cuja atividade depende totalmente de ‘não fazer nada’” (ARENDRT, 2008, p. 298-299). George tinha vontade de prosseguir sua amizade com Lennie, de conseguir a fazenda com os animais, mas teve de seguir o pensamento, por meio do qual o “fazer nada” se resumiu a findar com a vida inquieta do amigo robusto. A partir dali, nada mais poderia ser feito, a não ser voltar a alimentar a vontade de conseguir a própria sobrevivência. Lennie vivia em um “mundo” no qual vontade e pensamento pareciam não possuir limites, por isso ele não conseguia lidar com suas emoções e atos, o que lhe colocava em perigo constante na vida social.

O imaginário da época era o de seguir em frente e foi isso o que fez Slim, que puxou o braço de George e disse: “Vamos, George, eu e você vamos sair daqui e tomaremos um drink” (STEINBECK, 1996, p. 05). Slim parecia mais acostumado com o fato de ter que “sacrificar” aqueles que não estavam suportando a realidade de escassez e a política de superação: primeiro foram os filhotes de sua cadela, depois o cão de Candy. A morte de Lennie e dos animais representam a desilusão no presente e a pouca expectativa de um futuro. No caso de Lennie, a morte é o momento no qual “o passado se junta ao futuro por cima de todo presente” (BLANCHOT, 2011, p. 179), dando fim à angústia das incertezas do tempo. Sua morte imprime a abrangência do tempo em sua totalidade, onde presente deixa de existir e o futuro se torna passado.

A postura de Slim é uma tentativa de superação da lembrança e da memória, pois ela “pode afetar a alma com um anseio pelo passado; mas essa nostalgia, embora possa conter dor e pesar, não perturba a serenidade do espírito, pois envolve coisas que estão além de nosso poder de mudar” (ARENDRT, 2008, p. 299). Mesmo lembrando de sua vida ao lado de Lennie, George não poderia mais voltar e modificar o passado, daí ser mais recomendável, como convidou Slim, que ele não ficasse triste e seguisse em frente. Essa fuga das lembranças, ou mesmo da memória, ocasiona, de certa maneira, a perda de valores e desilusão com o ser humano, porque, de maneira análoga, os efeitos da Grande Depressão foram tão fortes que muitas pessoas pensavam ser impossível superar aquela realidade desumana, na qual homens e ratos estavam na mesma situação.

Considerações Finais

A Literatura, assim como a História, é, indubitavelmente, narrativa que (re) cria e (re) inventa o mundo e a realidade. São discursos que transitam pelo universo da verdade em suas possibilidades de variantes, visto que a verdade é uma categoria/concepção/experiência intimamente ligada aos lugares sociais e institucionais de quem constrói tais discursos. Além disso, a verdade que eles pretendem construir também é histórica e socialmente produzida. São discursos que imprimem desejos, angústias, projeções, que criam imaginários e que fazem repensar não somente o presente, mas reavaliar o passado e lançar expectativas para o futuro. Isso faz com os tempos se entrecruzem no nível das experimentações e do pensamento.

Dessa maneira, *Of Mice and Men* remete aos sonhos e ao imaginário norte-americano no tocante às esperanças e desconfianças acerca dos resultados gerados a partir da quebra da bolsa de valores de Nova York. Tal imaginário povoou os posicionamentos não somente das lideranças políticas e econômicas, mas da população em geral. Foram vários os veículos de disseminação dos desafios e das conquistas dos programas que pretendiam superar os momentos de forte crise. A narrativa ficcional, em especial a literária, também manifestou suas visões e concepções acerca daquele momento, criando, de certa maneira, um imaginário mais “fantasioso”, mas não menos intrigante e denunciador.

Os personagens e algumas ações podem ser fictícios, mas a referência à realidade demarca a historicidade do texto. Não se trata unicamente de um romance. É um romance histórico, cujos traços da sociedade, da economia e da política estão potencializados e ornamentados, simbólica e imaginariamente, pela destreza narrativa do autor. Ou como destacou Georgy Lukács, a ousadia do texto literário, notadamente do romance, permite que eventos que passam despercebidos pelo olhar de historiadores e sociólogos sejam contemplados e trazidos à tona. Romances como o de John Steinbeck são boa expressão do mundo real “deformado”, cuja intenção não é desconstruir a realidade, mas sim dar a ela novas possibilidades de compreensão.

Ler e refletir sobre a narrativa de *Of Mice and Men* é atitude filosófica de busca de novos conhecimentos. Ao fazer isso, está-se reconhecendo o que alertou Chartier (2002), afirmando que na história das leituras é fulcral que leve em consideração as diferentes modalidades de apropriação dos textos, inclusive a própria interpretação. As interpretações não seriam unicamente fruto do ato de “recepção”, como se fosse uma postura passiva dos leitores. Repensar *Of Mice and Men* é admitir e compreender que a literatura produzida por John Steinbeck acerca da crise econômica da década de 1930 não se restringe ao seu livro diretamente escrito para expressar isso.

A identidade norte-americana, especialmente a construída a partir do *American Dream* foi posto em cheque com os distúrbios econômicos gerados com a crise de 1929. O indivíduo de outrora, que podia sonhar com o luxo e com a riqueza, agora é descentrado desse imaginário e busca a sua condição mínima de sobrevivência, na tentativa de se preservar como pessoa. Aqueles que antes eram chamados de cidadãos passaram a ser chamados somente de “massa faminta”, de “mão-de-obra” barata. Os que antes faziam parte de um sentimento de nação e que podiam sonhar com automóveis de luxo passaram a ser excluídos e

rastejarem pelas ruas em busca de alimento. Mais que isso, a identidade que se buscou consolidar a partir de uma história gloriosa, pautada nas diversas formas de independência e conquista, via-se comprometida. O Homem norte-americano, forte e robusto, assim como era Lennie, estava em situação desfavorável, sendo rondado constantemente pela morte, não somente física, mas moral e psíquica. O imaginário de uma sociedade e de uma nação democrática encontrava-se distorcido pela exclusão gerada pela crise. Qual era o sonho americano naquele momento? Talvez preservar a história e a memória, na busca de uma genealogia, na qual grandiosidade era sua marca.

Fazendo essa (re) leitura, os críticos e intelectuais estarão ampliando as interpretações e as apropriações desse romance. É um romance histórico que não pode ser lido unicamente a partir de padrões estéticos e formais tradicionais. Para tanto, é preciso que os estudiosos das diversas áreas o leiam e o vejam como um texto de imersão na alma e na condição humana. É pensar que toda a manifestação e todas as práticas humanas, em cada momento histórico e em cada espaço, estão construídas nos limiares para além dos “ratos e homens”.

Abstract: the present article has the main objective of analyzing the book *Of Mice and Men*, by North-American writer, John Steinbeck, with the purpose of noticing the symbolical and interpretative links about the phenomenon of Great Depression and its social, political and economic impacts, especially about the migration of workers from urban peripheries. The culture of the *American Dream* was disturbed by the economic crash. Methodologically, the article is based on the analytical and interpretative reading of the writer's book, with a overview around the general aspects of his work, rubbing it with some events linked to the temporal period in which it's insert the written of the book. As theoretical bases it used discussions done by Chartier (2002; 1998), Lukács (2011) and Robert (2007). The North-American author's romance is noticed, in this analysis, as a historical romance, because, metaphorically, it presents signs of one of the most difficult moments in political and economic life of his Country, which resonate in the imaginary, identity and memory of the population.

Keywords: Literature. History. Politics. Imaginary.

Referências

ARENDDT, Hanna. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2008.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Revista Literatura em Debate, v. 6, n. 10, p. 88-106, ago. 2012. Recebido em: 31 maio 2012. Aceito em: 17 jul. 2012.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: EDUNESP, 1998.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: EDUNESP, 1992. p. 163-198.

DE DECCA, Edgar; LEMAIRE, Ria (Orgs.). *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade-UFRGS, 2000.

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva; Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade-UFRGS, 2000.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX(1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LUCÁKS, Gyorgy. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARQUES, Adhemar et al(Orgs.). *História Contemporânea através de textos*. São Paulo: Contexto, 2001.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 2. ed. Teresina: EDUFPI; João Pessoa: EDUFPB, 1998.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

RÉMOND, René. *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

RESEARCHERS CCAA. *A brief view of American Literature*. Brasil: Waldyr Lima Editora, s/d.

ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

STEINBECK, John. *Of Mice and Men*. Oxford: The British National Corpus, 1996.

WILLIAMS, Raymond. *The country and the city*. New York: Oxford University Press, 1973.